

O sistema neurossensorial como espelho da alma

The neurosensory system as a mirror of the soul

Walther Bühler¹

¹Médico antroposófico (1913-1995)

Capítulo do livro O corpo como instrumento da alma. São Paulo: Associação Beneficente Tobias; 1977. 79 p. Tradução de Ursula Szajewski. Do original alemão: Bühler W. Der Leib als Instrument der Seele in der Gesundheit und Krankheit. Stuttgart: Verein zur Forderung eines erweiterten Heilwesens; 1955. Publicado com autorização da editora.

Palavras-chave: Sistema neurossensorial; vida anímica; trimembração; medicina antroposófica.

Key words: Neurosensory system; soul life; threefoldness; anthroposophic medicine.

RESUMO

O presente artigo trata da formação da vida anímica consciente, do modo pelo qual ela se relaciona com os sentidos, os nervos e o cérebro. O sistema neurossensorial se concentra na cabeça, porém se estende para todo o corpo. Os órgãos sensoriais são como espelhos e para exercerem sua função de espelhar precisam que seja afastado o sangue com seus processos, pois, por exemplo, se o sangue permeasse o olho todo, veríamos tudo banhado em vermelho ou mesmo não veríamos nada. Um espelho tem de ser claro e, por isso, o sangue, após ter ajudado a formar o olho, tem de se retirar, e só pode continuar ativo no fundo, atrás da retina, na túnica vascular. Todo processo neurossensorial está ligado a um processo catabólico. Quando o processo anabolizante do sangue se apodera do sistema neurossensorial, adormecemos. Assim, o sistema neurossensorial, que se desgasta durante o dia, precisa ser revitalizado à noite. Na vida anímica, que tem como instrumento o sistema nervoso, encontramos duas faculdades e possibilidades fundamentais: a memória e a fantasia. O próprio sonho, durante o sono, revela as forças dessas duas faculdades, contidas no processo anabólico trazido pelo sangue. Além delas, uma terceira força é necessária à consciência: o pensar. Pensando instruímo-nos sobre a verdadeira essência do universo e suas leis, dotamos nosso eu com um olho interior, espiritual. O pensar ilumina em nós a relação entre as coisas.

ABSTRACT

This article discourses about the development of conscious soul life, how it relates to the senses, nerves and brain. The neurosensory system is concentrated on the head, but it extends throughout the whole body. The sense organs are like mirrors and to exercise their mirror function, the blood has to be removed from these processes. For example, if the blood permeated the whole eye, we would see everything in red or we would see nothing. A mirror must be clear. Therefore, the blood, after the formation of the eyes, has to withdraw, and it remains active only behind the retina, in the tunica vascularis. Every neurosensory process is connected to a catabolic process. When the anabolic process of the blood seizes the neurosensory system, we fall asleep. Thus, the neurosensory system, which spends its energy during the day, needs to be revitalized at night. In the soul life, whose instrument is the nervous system, we can find two basic abilities: memory and fantasy. The dream itself, during the sleep, reveals the forces of these two abilities contained in the anabolic process brought by the blood. Besides them, a third force is required to consciousness: thinking. The thought instructs us about the true essence of the universe and its laws; we provide our I with an inner eye, a spiritual one. Thinking enlightens in us the relationship among things.

Toda manhã o ser humano, ao despertar, abre os olhos. Refrescado pelo sono, olha para o mundo e se serve de seu corpo repousado. Qual será, em realidade, a diferença entre um olho que dorme e um olho vigil — entre um olho humano fechado, entregue às trevas, sem nada ver, e um que acabou de despertar e vê o mundo? Com o despertar, no entanto, não se abre apenas a vista mas também a audição, a vida em todos os órgãos sensoriais, o tato, o olfato, o gosto. Desabrocha toda a vida consciente da alma humana. A questão da diferença entre o olho adormecido e o acordado nos faz abordar, novamente, a questão relativa à maneira como decorre, de um modo geral, a vida anímica do ser humano no interior de seu corpo. É a questão da qual já tratamos nas três palestras anteriores.* Hoje a contemplaremos, sobretudo, sob o ponto de vista da formação da vida anímica consciente, do modo pelo qual ela se relaciona com os sentidos, os nervos e o cérebro. Tudo isto em conjunto qualificamos de sistema neurossensorial.

Vocês sabem que os principais sentidos, a vista, o olfato, a audição e o gosto se concentram na cabeça. E na cabeça, também, que se reúnem todos os nervos que partem dos órgãos sensoriais de todo o corpo, formando, com seus numerosos cruzamentos e ramificações, algo de especial, o cérebro. Portanto, o sistema neurossensorial se concentra na cabeça. Estende-se, no entanto, a partir da cabeça, para todo o corpo, atingindo todos os órgãos, cada fração da pele e o menor dedo do pé. Com todo o seu corpo, vocês podem sentir calor, dor, sensações táteis etc. Portanto, nossa vida neurossensorial é algo que, embora concentrado na cabeça, se estende em todo nosso ser, de modo que podemos dizer: não despertamos apenas com os olhos, não é apenas aí que se abre a alma em todo o corpo. Mas, como acontece este despertar?

Na última palestra** já explicamos que devemos comparar o sistema neurossensorial a um espelho — para aproximadamente podermos compreender seu funcionamento. Ora, o espelho existe com a finalidade de nos fornecer uma imagem do mundo, a mais nítida, clara e melhor possível. É pela nitidez da imagem que avaliamos a qualidade do espelho. De fato, os órgãos sensoriais são espelhos e sua função é espelhar. Eles devem nos fornecer uma imagem, a mais fiel possível, do mundo. Isto se torna especialmente evidente no caso da vista. Partiremos, por isso, dela

ao procurarmos compreender algo sobre os sentidos, os nervos e o cérebro. É justamente o olho que nos pode encaminhar à compreensão do cérebro, porque o olho é aquele complexíssimo órgão sensorial que, ao contrário de todos os outros, permite a si mesmo adquirir um pedacinho de cérebro particular: quando o olho se forma no embrião, um nervo, um pedacinho de cérebro, 'curioso', brota do cérebro embrionário; o cérebro ainda é móvel, portanto, ainda se dobra, adquire suas circunvoluções, sua plástica. Cresce, então, um broto curioso para frente, abre-se como uma flor e forma um cálice (Fig. 1). Será o cálice ocular, uma parte de cérebro, contendo diversas camadas e verdadeiras células cerebrais. Esta parte do olho forma a chamada retina. É do exterior, da pele, algo então lhe cresce ao encontro, invagina-se, separa-se e forma a lente ocular. Por aí, vocês já podem ver, quão complicado é o olho. Algo se forma de fora para dentro, e ao seu encontro cresce algo do interior; o todo se arredonda, literalmente, no globo ocular completo. Mas este objetivo só pode ser atingido, se o crescimento do nervo for acompanhado do sangue que nutre este olho, que o ventila e vivifica.

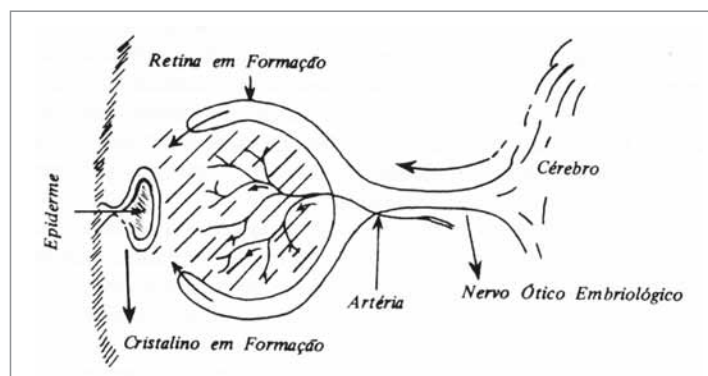


Figura 1. O desenvolvimento do olho.

Surge então, para o organismo, o problema de se livrar a tempo deste sangue. Pois, se o sangue permeasse o olho todo — como de fato o faz no início (Fig. 1, artéria) —, veríamos tudo banhado em vermelho ou mesmo não veríamos nada, porque não se formariam boas imagens especulares. Um espelho tem de ser claro e, por isso, o sangue, após ter ajudado a formar o olho, tem de se retirar, ceder e só pode continuar ativo

*N.E.: Veja as publicações anteriores:

Bühler W. Os três membros do organismo humano. *Arte Méd Ampl.* 2011; 31(2): 4-11.

Bühler W. O coração – órgão da cordialidade. *Arte Méd Ampl.* 2012; 32(2): 59-67.

Bühler W. O metabolismo e a vida volitiva. *Arte Méd Ampl.* 2012; 32(3): 100-9.

**N.E.: Bühler W. O metabolismo e a vida volitiva. *Arte Méd Ampl.* 2012; 32(3): 100-9.

no fundo, atrás da retina, na túnica vascular. Veremos, entretanto, que mesmo no olho completo em funcionamento, o sangue ainda desempenha uma tarefa de especial importância.

Todos percebemos, em nosso próprio corpo, que o olho nos fornece imagens do mundo, para onde quer que dirijamos esse espelho. Mas esta função de espelho, esta faculdade de fornecer uma imagem do mundo nos chega à consciência, de modo especial, ao experimentarmos uma sensação luminosa muito intensa. Depois de olhar, por exemplo, para o sol e, em seguida, para outros objetos, vocês perceberão um estorvo no olho — sem dúvida todos conhecem isto. Querendo, por exemplo, olhar a cabeça de alguma pessoa, não veem tal cabeça, mas sim uma espécie de imagem do sol! Para onde quer que dirijam seu olhar, lhes aparecerá um buraco escuro, e vocês perceberão, que o sol deixou alguma coisa em seus olhos. A circunferência luminosa do sol, captada pelo olho e reproduzida na retina através de complexas funções lenticulares, deixou uma impressão na retina. Podemos comparar esta impressão com uma perfuração; como a perfuração de documentos, nos quais se fazem dois furos para poder arquivá-los na pasta; do mesmo modo, cada impressão luminosa perfura as retinas do par de olhos. Sendo muito intensa a impressão luminosa, este furo se nos torna consciente, e não vemos mais nada porque — por estranho que possa parecer — toda visão destrói o olho. Bem, não destrói o próprio olho, apenas uma parte dele; porque, na retina, alguma coisa é destruída, decomposta. Conhecemos bem uma parte do que é destruído. No olho existe uma substância maravilhosa e delicada: a retina, como qualquer chapa fotográfica, tem um revestimento especial, a chamada púrpura retiniana. Esta substância se transforma quimicamente, se decompõe, descora, de modo que — podendo-se comparar, neste sentido, o olho a um aparelho fotográfico — por transformações químicas, realmente, surge sobre a retina uma imagem que aí é fixada. Surge no olho uma espécie de imagem fotográfica negativa do mundo exterior. Mas alguma coisa foi destruída, e vocês o percebem após olharem para a luz do sol que ofusca. Neste caso extremo, essa imagem que sempre existe de forma delicada lhes chega à consciência sob a forma de contraimagem negativa — porque é justamente uma espécie de buraco. Ao olhar agora para vocês, cerca de 150 pessoas e cabeças, certamente tenho 150 buracos em minha retina. Mas são buracos delicados, homeopaticamente dosados! Vocês acham graça... mas é um fato! Arrisco delicadamente que me furem 150 buracos em minha retina.

Todo processo visual está ligado, portanto, a um processo catabólico que, mesmo sutilmente, se estende até ao cérebro, através dos nervos ópticos. O

olho que, desde o despertar, quer servir à alma, tem de aceitar, portanto, de ter sua estrutura íntima destruída até certo ponto. Qual o sentido deste processo catabolizante no processo nervoso? O melhor meio de compreendê-lo é considerá-lo como uma continuação modificada do processo que força a regredir, e deste modo destrói, os vasos sanguíneos no corpo vítreo do olho. É somente o rechaço dos processos metabólicos que permite a clareza do olho e confere à córnea e ao corpo vítreo sua transparência, e ao cristalino sua limpidez, que deixam penetrar a luz exterior na escuridão do organismo. O olho, portanto, se comporta, em pequena escala, como a cabeça, em grande escala, ao frear todos os processos metabólicos, libertando as forças da alma — conforme nossa descrição anterior. De modo semelhante, a perfuração na retina e o processo catabolizante no nervo óptico criam as tênues 'clareiras', através das quais a força anímica do corpo pode penetrar, de dentro, no órgão e enfrentar a luz externa sob a forma de vista interior. Somente assim, a alma encontra o caminho para os objetos percebidos e pode, por assim dizer, apalpá-los.

Sacrificando, assim, uma parte de sua vitalidade e de sua matéria — por exemplo, a púrpura retiniana — o olho é erguido, de órgão apenas organicamente vivo, ao grau de órgão sensível, podendo, assim, servir à vida e vivência anímicas conscientes que despertam. Revela-se ainda, aqui, que a máquina fotográfica representa apenas uma caricatura morta do olho, pois este é um órgão animado, permeado de atividade interna. O olho se torna, assim, espelho vivo de nossa alma e concentra, na face, a sua mímica, como em dois pontos focais. Nos olhos do ser humano, é sua própria alma que nos mira e pode nos revelar sua intimidade, pureza inocente e amor tranquilo, ou sua comoção, em lágrimas de dor ou de alegria.

Mas quem ajuda o olho a compensar os necessários processos de catabolismo e destruição? De fato, um dos grandes mistérios deste órgão é de ele estar constantemente preparado e em condições de reparar os buracos que descrevemos e de, realmente, reconstruir tudo e restaurar a púrpura retiniana. "A retina descorada readquire sua cor vermelha por regeneração da púrpura retiniana, assim que for mantida durante algum tempo na escuridão. Após descoramento total (ou seja, após uma impressão luminosa intensa — nota do autor), ela necessita de 30 a 40 minutos". Eis o que escreve o Prof. Rein em seu livro sobre a fisiologia humana. Quem presta ajuda ao olho, para que, sempre de novo, possa ver e olhar o mundo? O olho aqui chama o auxílio do ser humano inferior, com seus processos metabólicos anabolizantes. A camada nervosa se regenera ao ser percorrida pela força do sangue! Precisamos do sangue

no olho para anabolizar novamente o que foi catabolizado. Vocês já percebem aqui a complexidade do funcionamento de um órgão sensorial. Cada órgão sensorial consiste de nervos modificados, finamente desenvolvidos, especialmente estruturados para determinada finalidade, equipados de corpúsculos terminais etc. No olho, falamos em bastonetes e cones e em outras células. No centro visual da retina, um único milímetro quadrado contém 14.000 cones nervosos! Mas não vamos nos perder hoje em detalhes. Tudo isto, no entanto, não é suficiente. É preciso que o sangue acorra, a fim de opor um processo anabolizante ao processo catabolizante ligado a qualquer percepção sensorial, seja ela auditiva, visual, olfativa, gustativa ou tátil.

Este anabolismo se passa no inconsciente, de modo que, normalmente, nada percebemos dele, como felizmente não percebemos a perfuração da retina. Caso contrário estaríamos constantemente incomodados. Este processo anabolizante que, conforme ouvimos, se processa melhor na escuridão, é portanto como uma soneca do olho, durante a qual ele se recupera. Somente em determinados casos tomamos consciência dele. Por exemplo: vocês viram um sol poente vermelho. Olhando agora para uma superfície branca e vendo aquela imagem residual estorvante, vocês talvez percebam, surpresos, que essa imagem de repente assume outra cor, torna-se verde. Se vocês não quiserem acreditar-me, peço que algum dia peguem uma grande folha de papel branco e fixem sobre ela um disco vermelho. Sob boa iluminação, concentrem a vista sobre o centro do disco durante dois minutos. Em seguida, retirem o disco vermelho e continuem olhando para o papel branco. Logo verão a imagem residual, a imagem negativa do buraco e perceberão que ela se preenche de uma nova cor, de verde, a chamada cor complementar. Isto é algo maravilhoso, uma cor delicada, etérea que normalmente só se observa no arco-íris e que o olho produz agora. A cada impressão colorida o olho, com sua misteriosa atividade interior, procura uma impressão oposta (complementar). O olho tem a faculdade de transformar (recriar) toda percepção de cor, ou seja, de complementá-la de modo significativo. A cor vermelha, quente, adiciona o verde, mais fresco; ao alaranjado luminoso, o azul mais fresco etc. Portanto, a cada cor corresponde uma cor oposta, uma cor complementar que o próprio olho cria. Mais uma vez experimentamos que o olho não é uma máquina fotográfica sem vida. O olho age criativamente, como dotado de imaginação e qual um pintor, participando assim, inconscientemente, do impulso criador de todo o ser humano que não quer refletir e captar o mundo apenas passivamente. O olho é, em si, criativo e móvel e sente a necessidade de adi-

cionar algo ao mundo, de completá-lo, de modo que agora podemos falar em imagem residual criativa no olho! Distingamos bem entre a imagem negativa e a imagem recriada pelo olho, imagem ativamente modificada com sentido. Em geral, isso também, felizmente, não nos chega à consciência. Porque se tivéssemos de prestar atenção, sempre, ao que o olho faz em nós, não chegaríamos jamais a ver claro.

O olho executa mesmo movimentos contrários! Esta é também uma experiência interessante, quase incrível. Quando o olho vê certos movimentos, por exemplo, movimentos centrípetos, da periferia para o centro, — isto pode ser obtido com discos giratórios — e quando se remove o disco que se olhou durante três minutos, percebe-se que de repente surgem movimentos centrífugos. Se, em seguida, observamos uma árvore desenhada no quadro, a árvore não fica parada, mas começa a dilatar-se e aumentar. É uma das mais estranhas vivências. Estabelece o fato de que um certo movimento em determinada direção é transformado pelo olho em um contramovimento. Infelizmente não posso lhes apresentar esta experiência que o jovem estudante de medicina às vezes tem a oportunidade de conhecer em fisiologia. Mas devemos reter o seguinte: o olho encerra em si a possibilidade não apenas de copiar passivamente, mas também de recriar ativamente; ele, delicadamente, tenta criar algo novo, e esta tentativa se manifesta nos movimentos opostos e nas cores complementares. Podemos perguntar novamente: o que é que cria, no olho? Qual o fator criativamente ativo na formação da imagem residual em nova cor? São as forças do sangue, é a vida no olho que sempre volta, fluindo com o sangue.

Vamos resumir em poucas palavras o que acabamos de ver: o olho consiste, em suas partes fundamentais, de nervo e sangue, retina e túnica vascular. Durante o ato de ver, surge na retina a imagem residual negativa, semelhante a um buraco. Através do sangue o buraco é novamente preenchido, o olho é restabelecido. Com este restabelecimento orgânico relaciona-se, na visão colorida, na vida anímica do olho, a formação da imagem colorida residual, delicada e criativa.

Bem, prezados ouvintes, eu lhes disse que o olho adquire para si um pedacinho de 'cérebro particular', e por isso, já pudemos aprender, no caso do olho, algo sobre a função do cérebro em geral, que passaremos a contemplar agora. Os olhos enviam dois grandes nervos que se cruzam de maneira complexa atrás dos olhos e vão ao cérebro, à região nervosa do lobo occipital, onde se estruturam de modo muito delicado e complexo no córtex cerebral. A cada órgão sensorial corresponde, no cérebro, uma repartição especial onde são elaboradas as impressões dos sentidos. Pois tudo o que descrevi até agora é justamente o processo

da percepção, da sensação. E vocês aprendem agora um fato surpreendente e nada evidente: de cada impressão sensorial, de cada imagem que se vê forma-se uma segunda imagem que nada tem a ver — a não ser indiretamente — com as mencionadas imagens residuais da retina. De que se trata? Bem, vou desenhar, aqui no quadro, um quadrado verde. Olhem para ele (Fig. 2). Agora o cubro. Não mais podem vê-lo com os olhos; não obstante isso — e agora peço que fechem os olhos por um momento — sabem exatamente como era o quadrado. Vocês têm interiormente a imagem dele, e cada um de vocês que prestou atenção será capaz de redesenhar a figura no quadro negro se eu a apagar. Isto só é possível porque vocês têm a figura em seu interior. Até mesmo hoje à noite, ainda serão capazes de reproduzir esta imagem do quadrado verde, quando ele já tiver sido apagado. Eis, novamente, algo de muito grandioso: o ser humano forma imagens interiores daquilo que vê, ouve, sente e vivencia no mundo, forma imagens residuais sutis e delicadas. E ele ganha assim, no decorrer de sua vida, no decorrer mesmo de um único dia, um grandioso tesouro de imagens. Nós o chamamos o tesouro da memória.

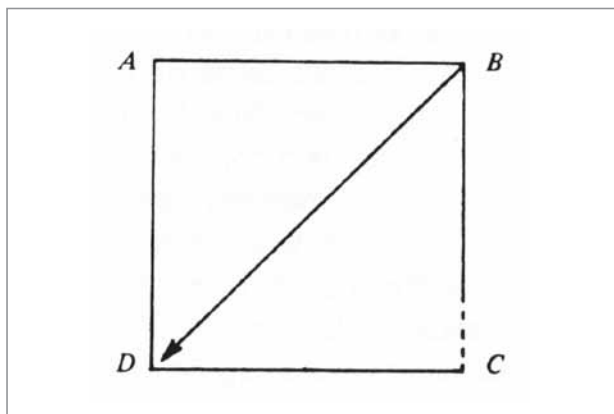


Figura 2. Quadrado.

Cada vez que buscamos, no tesouro interior, uma dessas imagens, cada vez que reproduzimos uma imagem, dizemos que estamos nos lembrando. Isto significa que apanhamos algo do nosso interior, apanhamos a imagem que outrora introduzimos em nós através do olho ou de algum outro sentido. Vocês percebem agora, nesta imagem, algo de muito singular: a primeira imagem residual do sol etc., no olho foi produzida pela retina; em nada pudemos interferir no processo. Somos incapazes, também, de modificar a imagem residual, criativa, verde, do sol poente vermelho. Essa imagem persiste enquanto o olho a pode formar. Uma vez desaparecida, não conseguimos recuperá-la por

nenhum meio. Essa imagem passou. Mas aquela outra imagem residual mais delicada, a imagem na memória, embora delicada é muito mais duradoura, se tivermos boa memória. Vocês sentem aí uma das funções do cérebro. Pois, nós só estamos em condições de criar novas imagens, imagens interiores, graças ao fato de termos um cérebro e de a parte do olho que chamamos de retina prolongar-se com suas fibras nervosas em direção a um novo órgão, o centro visual do córtex cerebral. E, estas imagens flutuam livremente. Tiramos estas imagens quando nos convém; porque elas fazem parte da nossa vida anímica. O mesmo não pode ser dito quanto à imagem residual na retina; esta não faz parte da vida anímica consciente, porque é um processo fisiológico, um fato da vida orgânica de um órgão sensorial. A imagem da memória, pelo contrário, faz parte, basicamente, de nossa vida anímica e será tanto mais nítida e fiel quanto mais atentos e interessados estivermos durante sua formação. A memória é, aliás, o fundamento anímico, sobre o qual, diariamente, construímos e que nos possibilita todo o restante de nossa vida anímica, todas as intenções, tendências e pensamentos. As imagens da memória se formam em relação à função cerebral. Precisamos do cérebro para que possamos sempre refletir em nós uma imagem memorizada. Cada vez que vocês quiserem representar interiormente o quadrado verde, precisam de um espelho interior — é o espelho do cérebro.

Aprendemos a conhecer agora uma atividade modificada e acentuada da retina, atividade transformada em grandioso processo reprodutor de imagens, de memória. Precisamos do tecido nervoso e das camadas neuronais do cérebro a fim de podermos criar e refletir essas imagens residuais. Precisamos, portanto, novamente do nervo, sob a forma do cérebro.

Devemos indagar agora: dado que a parte cerebral ‘particular’ do olho, a retina, nos mostrou que ela é capaz de criar uma nova imagem, a partir de uma imagem residual negativa, passivamente ‘perfurada’, e de transformá-la e dotá-la de nova cor, com a ajuda das forças sanguíneas que agem sobre a retina — será, talvez, também o cérebro e a atividade interior com ele relacionada capaz de transformar criativamente a imagem que temos? Como pensam vocês? Acho que a resposta não é muito difícil. Pois todos vocês são capazes de transformar, interiormente, este quadrado verde em um quadrado vermelho ou amarelo. Mas ainda de outras maneiras, vocês são capazes de transformá-lo interiormente. Podem, por exemplo, traçar uma reta de um ângulo (B) a outro ângulo (D) (Fig. 2). Podem até dizer, que o quadrado está muito mal desenhado, que tem uma falha (perto do ângulo C), que isto não lhes agrada; “vou corrigir isto interiormente, vou fazer como deve

ser feito, vou completá-lo interiormente”. E vocês desenhavam interiormente — não sei se com um giz anímico — e completam este quadrado. Portanto, está provado que cada um de vocês é capaz de transformar a imagem memorizada. O fato de sermos capazes, a qualquer instante, de fazer reviver interiormente o quadrado verde, de modificá-lo e de lhe conferir todas as cores — e não apenas, como no olho, em uma cor complementar — mostra que nossas forças anímicas no cérebro se libertaram dos processos corpóreos. Tornam-se independentes. Esta é uma observação muito importante.

Se vocês prestarem atenção ao fato de serem capazes de modificar as imagens que têm, estarão chegando a conhecer algo de grandioso. Pois, percebem que essa faculdade de transformar as imagens, de ampliá-las, de lhes conferir cores ou outras formas etc., ao mesmo tempo, fornece a capacidade de criar imagens totalmente novas! Senão vejamos: vocês podem interiormente ver crescer uma árvore, podem fazê-la florescer, podem pendurar cerejas em seus galhos — ou maçãs, tudo o que quiserem. Quem ainda não tem casa, pode construí-la interiormente, com quatro andares, balcões, banheiros; interiormente podem construir castelos inteiros e decorá-los. Esta atividade tem um nome que resume tudo isto em abstração extrema. Que significam os nomes diante da vida real que temos em nós! Todavia, para nos entendermos, precisamos de nomes. Como chamamos, então, esta faculdade de criação de imagens em nosso interior? É a imaginação (fantasia).

Encontramos assim, na nossa vida anímica, na medida em que ela se serve do sistema nervoso como instrumento, duas faculdades e possibilidades fundamentais, diferentes entre si, não obstante, relacionadas: a memória e a fantasia.

A qualquer momento, podemos buscar livremente, na vida anímica, a imagem guardada na memória, podemos fixá-la e colocá-la diante de nós; é o que chamamos, também, de atividade mental representativa.* Formamos uma representação e sabemos que para isto precisamos do cérebro como aparelho refletor. Naturalmente, não devemos confundir o espelho com a imagem. Ninguém de vocês há de crer que a mesa ou o ramo de flores, refletidos em um espelho, estejam dentro deste. Ninguém de nós é tão tolo. Só uma criança muito pequena poderia acreditar nisto. Mas corremos o risco de sermos tão bobos, quando acreditamos naquelas que afirmam, que as imagens de memória estão dentro do cérebro. Claro que não estão. Pois não consistem em substância nervosa corpórea, não são compostas de moléculas de fósforo, oxigênio e nitrogênio. São ima-

gens puramente anímicas. Consistem, se assim quisermos dizer, em substância anímica, embora este, de fato, seja um conceito estranho. Mas como nos expressar? De qualquer maneira, essas imagens jamais consistem em substância cerebral física. São tecidas da mesma luz da qual já falamos a respeito da ‘luz dos olhos’. O cérebro, por sua vez, existe para refletir a abundância de imagens da alma e da memória.

Devemos perguntar agora de que modo o cérebro nos auxilia no desenvolvimento da imaginação, de modo que possamos ultrapassar a mera imagem memorizada, transformá-la, completá-la, corrigi-la como quisermos. Quem ou o que nos vem ao encontro a partir do organismo? Porque a alma e a vida anímica, embora relativamente independentes, sempre precisam, como base, de certos processos corpóreos ou fisiológicos. Perguntamos, portanto: o que existe por trás da atividade da imaginação, qual o auxílio que nos vem do corpo a fim de, no interior da alma, criarmos imagens da fantasia? O que vem nos auxiliar é o mesmo fator que ajuda o olho a criar a imagem residual colorida, criativa, ou a reparar a púrpura visual destruída: é o fato de ser o cérebro irrigado de sangue, permeado pela vida do sangue. Vocês veem que o cérebro, por si só, pode refletir imagens; mas para poder transformá-las criativamente, a alma precisa da vida do sangue no sistema nervoso. A força necessária para fixarmos uma imagem da memória ou uma representação mental, para utilizarmos o espelho interior, é a força plástica da representação, a força da memória que, ao mesmo tempo, forma uma parte da força do pensamento. Mas para movermos uma imagem, para refundi-la, precisamos de algo bem diferente. A mera força representativa que nos capacita a colocar uma imagem diante de nós não é suficiente. A fim de tornar compreensível este ponto difícil, devemos observar a atividade das mãos. Por exemplo, para segurar esta esponja diante de mim, preciso dar a minha mão uma forma bem determinada e fazê-la enrijecer nesta forma. Para tal, preciso de uma tranquilidade vigorosa. Do mesmo modo, tanto melhor conseguirei representar uma imagem diante de minha alma, quanto maior for a tranquilidade, a força de inércia e de concentração que eu aplicar. O cérebro, aliás, só é capaz de refletir fielmente as representações porque, como espelho, tem essa inércia, porque suas circunvoluções não se movem e porque suas milhares de ramificações nervosas não balançam como os galhos de uma árvore, mas são rígidos como uma composição cristalina, como uma manta de neve ou como a superfície, absolutamente lisa, da água. Mais uma vez, devemos tomar consciência deste fato. No cérebro, a atividade vital, a

*N.T.: Representação, em alemão ‘Vorstellung’ de ‘vor-stellen’: colocar diante.

vida pulsante e móvel atinge uma imobilidade máxima. O cérebro resigna muita vida e vitalidade; as células cerebrais não se reproduzem, tudo isto é interrompido. Já descrevemos isto uma vez. Isto acontece para que o órgão possa ser um bom espelho! É como no caso da minha mão. Quando ela começa a mover-se, a esponja cai. E assim, se o cérebro começasse a se mover, todas as imagens da memória ficariam de imediato deformadas ou submersas. Vocês seriam incapazes de as representarem, de colocá-las adequadamente diante de si.

Mas vejam, a mão ainda tem outra possibilidade. Ela pode modificar esta esponja. Ela pode amassá-la e soltá-la novamente; pode deslocá-la para cima e para baixo; pode mudar sua forma. O que estou fazendo? Estou pondo em atividade minha vontade. Para mover alguma coisa, dar-lhe outra forma etc., preciso sempre da força anímica da vontade que encontra seu instrumento na mão, nos músculos, nos membros.

Aproximamo-nos, cada vez mais, da seguinte questão: qual a força anímica de que precisamos a fim de podermos transformar a delicada imagem da memória, para movê-la de um lado ao outro ou para deixá-la cair — o que chamamos de esquecer — e para buscar outra imagem? Precisamos da força anímica da vontade! Ouvindo isto pela primeira vez, poderá lhes parecer estranho que a vontade não atua somente nos membros, onde se bate um prego com um martelo ou se molda o ferro na bigorna. Devemos dizer então: existe uma vontade libertada dos laços corpóreos, internamente livre! E esta vontade pode atuar como vontade livre do corpo, movendo imagens interiormente, transformando e transmoldando imagens. Essa força de vontade anímica participa da atividade da fantasia, do mesmo modo que a força da representação mental vive na pura apresentação da imagem da memória.

Acompanhamos assim duas funções básicas da nossa vida anímica; experimentamo-nas como memória e imaginação. Podemos ter presente que, por trás da força representativa, existe a capacidade refletora e, por trás da fantasia, a força criativa da vontade, a qual dá à nossa alma a possibilidade de, constantemente, transformar e criar novas formas. Mais profundamente, na esfera fisiológica, orgânica, encontra-se a maravilhosa imobilidade cristalina do cérebro que nos permite representarmos fiel e tranquilamente. E, por trás da atividade interior da vontade e da imaginação, encontra-se a criativa força vital do sangue circulante, móvel, pulsante. Assim como o cérebro realmente tem de enrijecer a fim de poder servir de espelho, a imaginação deve ser móvel em si mesma e apoiar-se sobre algo de inerentemente móvel, fluente; algo que seja capaz de constantemente transformar-se: é o fluxo sanguíneo.

E assim, prezados ouvintes, praticamente reen-

contramos na cabeça a totalidade do ser humano. Na vida das representações mentais, todos nós queremos formar uma imagem, a mais clara possível, do mundo e de nós mesmos. Para isso precisamos da cabeça, precisamos dos órgãos dos sentidos e do cérebro como espelho. Mas, como seres humanos completos, não formamos apenas uma imagem do mundo, mas queremos intervir nele, transformá-lo de modo que ele seja diferente da imagem que dele nos reflete a cabeça; e por isso, participamos também com a cabeça, da vontade, da constituição criativa. Fisicamente, a cabeça é capaz — ao menos com o maxilar inferior e com a língua, onde lhe resta um pouco de atividade muscular — de executar movimentos volitivos; do mesmo modo, interiormente, a vida anímica, ligada à cabeça, participa do polo oposto do ser humano, do polo criativo da vida volitiva. Onde na vida consciente das imagens surge a vontade, ela nos permite mover e transformar essas imagens. Vocês percebem que a vida das representações também está estendida entre dois polos opostos e que também possui uma grande tensão interna, uma grande polaridade.

Vamos agora progredir mais um passo em nossas observações. Só conseguimos ver com os olhos, porque surge um 'buraco' na retina; também no cérebro, há constantemente destruição de substâncias, à medida em que se formam as imagens da representação. Porque, cada vez que formamos uma representação, que animicamente colocamos diante de nós uma imagem, ocorre ao mesmo tempo uma espécie de endurecimento, muito delicado, uma contraimagem orgânica no cérebro, como se fosse formada de sal ou de cristal. Portanto, quando vocês formam mentalmente o quadrado, então permanece, no espelho cerebral, uma delicada impressão orgânica, corpórea que, por assim dizer, nos salga o cérebro. Essa formação torna o cérebro ainda mais rígido e sem vida. Isto vai se somando, no decorrer do dia, porque formamos muitíssimas imagens e o cérebro tem de refletir muitíssimo. E assim, ele recebe cada vez mais dessa salinização, dessa cristalização, desse contraproceto. Finalmente notamos isso, com o cansaço do final do dia. O olho, tampouco, é capaz de compensar toda a destruição que se processa durante o dia na retina. Aos poucos, acumulam-se os restos catabólicos. E, do mesmo modo em todo o sistema neurossensorial, acumulam-se os restos do catabolismo. Estes sais e crostas, para usarmos um termo grosseiro, separam-se finalmente do conjunto orgânico criando finos orifícios, deixando-o como uma peneira. É como numa parede de tábuas, onde os nós endurecidos caem e deixam buracos na madeira. Do mesmo modo, os olhos, à noite, ficam pesados, a cabeça, o cérebro, entorpecidos, e não mais conseguimos nos arranjar direito. Devemos dizer

então: “oh sangue, sempre ajudas a inverter a formação dos buracos e da destruição; ajude agora o cérebro, a lavar e reconstruir tudo, com tuas forças vitais”. E o sangue responde: “sim, caro cérebro, posso fazê-lo, posso atravessar-te, reelaborar-te, refrescar-te; mas primeiro deve mandar embora a alma, apagar as imagens que refletistes, e não atrapalhar minha atividade anabólica”. O cérebro concorda — e neste momento adormecemos! Porque, quando o processo anabolizante do sangue, o mesmo que obtura o buraco na retina, se apodera de todo o sistema neurossensorial, adormecemos. Só assim, vocês podem compreender o sono que é, aliás, um fenômeno do sistema nervoso. — Pois quem dorme? O coração? Ele nem pensa nisto, continua trabalhando. O estômago? Tampouco; continua digerindo. Os rins, o fígado e todos os outros órgãos continuam seu trabalho à noite. Só dorme o sistema neurossensorial. Arruinando-se durante o dia, ele se deixa curar à noite. Poderíamos dizer que o sistema neurossensorial é uma espécie de paciente crônico! Todos os dias, ele fica doente, e todas as noites, o ser humano tem de se retirar para seu sanatório particular — a cama —, a fim de curar este paciente com novas forças vitais. Vocês já adivinham como aquela pequena alternância — decomposição e reconstrução da púrpura visual — que transcorre a todo momento nos olhos, ao apoderar-se do ser humano todo, resulta no grande ritmo de alternância — de dormir e estar acordado. Assim que acordamos para a vida anímica consciente, diurna, no sistema neurossensorial, catabolizamos fisiologicamente. Dormindo, pelo contrário, anabolizamos durante a noite, a partir da força do sangue, atividade em que o sangue não quer ser estorvado pela nossa consciência. Assim, em nossa totalidade de ser humano, estamos armados entre os estados de dormir e estar acordado, no ritmo global de anabolismo e catabolismo, na grande polaridade de nervo e sangue, que, em pequena escala, se desenrola no olho; em outras palavras, na oposição entre o ser humano superior, neurossensorial que quer ficar acordado, e o ser humano inferior, metabólico que quer nutrir, anabolizar, crescer e reproduzir-se. Portanto, no sono ocorre algo parecido com uma atividade construtiva, criativa, refrescante, onde não é produzida apenas uma pequena imagem criativa: é todo o ser humano que é formado novamente, reproduzido. Às vezes, é possível perceber algo desta grandiosa atividade criativa que se desenvolve no sistema nervoso, como é às vezes possível perceber a imagem residual verde do sol poente. Às vezes reluz e aparece o mistério do maravilhoso processo de anabolismo, formação e transformação que ocorre durante o sono. Então, esse processo de reconstrução etérica atinge, um pouco, a nossa consciência, e dizemos: “tive um lindo sonho esta noite”. Na vida dos sonhos é reve-

lado o mistério do anabolismo que o sono realiza em nós com imensa fantasia e força do sangue, com força volitiva inconsciente. O que é o sonho? Um gigantesco e autônomo jogo de forças da fantasia em nós. Ao dizermos, há pouco, que na fantasia podemos completar um quadrado, traçar uma diagonal, o que significa este joguinho da imaginação em comparação com as poderosas imagens da fantasia que o sonho coloca diante de nós, em toda sua riqueza colorida, na versatilidade de suas imagens, na rapidez de seu curso etc.? No entanto, por mais belo que seja, o sonho tem algo de caótico. Não nos satisfaz, queremos sair, queremos acordar e preferimos a clareza e sobriedade; preferimos produzir e mover pequenas imagens modestas, a nos deixar inundar por sonhos. Queremos participar plenamente da formação de imagens em nós. Porque caso contrário, se as imagens se tornassem independentes, algo em nós estaria deslocado, alienado, não estaríamos totalmente em nós, e isto, naturalmente, seria grave. Ora, quando então, estamos totalmente em nós? Somente quando estamos acordados! No sonho, percebe-se que falta algo. A imaginação tornou-se independente.

Mas a memória também desempenha um papel no sonho. Porque o sonho não seria possível se não fizesse constantes empréstimos da memória. Grande parte daquilo que vemos no sonho foi apanhado no tesouro da memória. São lembranças que surgem sem freio nem direção e imediatamente são remoinhados pela imaginação. É muito interessante perceber claramente como memória e imaginação se tornam independentes no sonho e trilham seus próprios caminhos porque nós não estamos presentes. Assim que voltamos a nós, colocando-nos no centro, por assim dizer, e empunhando as rédeas, então, somos nós que ordenamos e organizamos as imagens, que as evocamos e que, principalmente, mantemos o equilíbrio entre memória e fantasia. Se não mantivéssemos assim o equilíbrio, o meio, se confiássemos exclusivamente na memória, só poderíamos evocar, sempre, as velhas imagens, tais quais. Ficaríamos animicamente mumificados. Não permitiríamos o surgimento de algo novo, seríamos pessoas totalmente voltadas para o passado, tradicionalistas e pedantes. Mas ao mesmo tempo correríamos o risco de nos atarmos excessivamente àquilo que o mundo da matéria refletiu em nós, através dos sentidos. Tornar-nos-íamos materialistas. Se, por outro lado, desprezásssemos a fidelidade da memória, enamorando-nos pela liberdade e pela cintilante versatilidade da imaginação, ocorreria outra desgraça. Perderíamos neste caso a consistência anímica, e a bela atividade da imaginação se tornaria fantasia excêntrica, fantástica. Começamos a divagar e a nos perder em falatório, as imagens perdem sua nitidez e seus

contornos, e somos incapazes de viver com clareza anímica. Com o tempo, tais desvios da vida das representações podem causar graves doenças. Quando, por motivos profissionais ou outros, as pessoas acostumam a formar, predominantemente, pensamentos frios, sóbrios, abstratos, como que sem sangue e sem cor, ou a aceitar passivamente tais pensamentos, elas acentuam exageradamente o processo catabólico. O cérebro corre o risco da lignificação ou da esclerose. Contra isso, o processo sanguíneo não mais consegue se impor, sobretudo se a pessoa em questão, já em sua juventude, tinha professores secos, sem imaginação, que sobrecarregavam unilateralmente sua organização cerebral. O processo é acelerado se, mais tarde, a pessoa, por excesso de trabalho, não dorme o bastante. A cabeça se defende inicialmente contra o empobrecimento de suas forças vitais interiores, tirando-as da periferia; fica precocemente grisalha ou aceita a calvície. Se este processo de envelhecimento precoce se estende para dentro, para o cérebro, a pessoa se torna infantil. Com sua esclerose cerebral, perde a faculdade da memória, porque o espelho do cérebro fica cego e encrostado. Já descrevemos na primeira palestra* este grave estado patológico. Este e outros processos degenerativos semelhantes no sistema nervoso são ainda mais acelerados, quando a pessoa se habitua ou é forçada a sobrecarregar seus nervos com outros processos catabolizantes supérfluos. É o caso, por exemplo, do rádio que ligamos, sem escutar consciente ou atentamente, ou das imagens da propaganda no bonde que incomodam nossos olhos sem que nos interessem.

Todas as impressões sensoriais que não são conscientemente captadas nem elaboradas com interesse, nos tornam nervosos e desagregam excessivamente nosso sistema nervoso. Elas dissipam internamente nossas forças anímicas. O organismo se torna assim, cada vez mais, incapaz de opor o processo sanguíneo anabolizante ao processo nervoso predominante e mal dirigido. Ao mesmo tempo, surge assim a tendência à insônia, verdadeira epidemia em nossa civilização.

Entretanto, para manter a saúde do sistema nervoso, não são suficiente o sono e uma alimentação adequados. Conclui-se de nossas considerações, que devemos cultivar adequadamente também a vida anímica, particularmente a vida consciente das representações. Isto pode ser feito, sobretudo, desenvolvendo-se paralelamente a memória e a imaginação, contrabalanzando e harmonizando sempre os aspectos opostos de ambas, como faz o coração em relação à polaridade de todo o organismo. Para isso, faz-se necessária uma

terceira força, de certo modo a peça central em nossa consciência, que passaremos a investigar agora. Desenhemos mais uma vez um quadrado (Fig. 3).

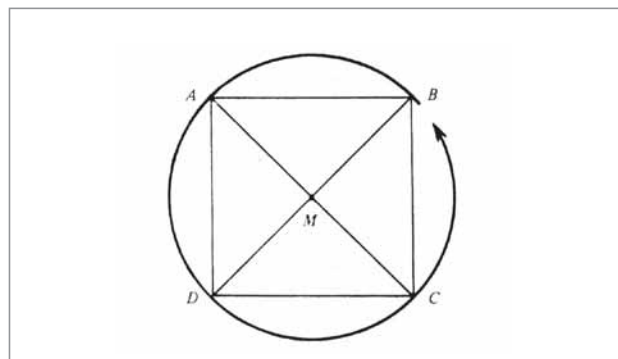


Figura 3. Quadrado.

Com o auxílio da mobilidade da imaginação que agora não deixamos agir incontida, mas que subordinamos aos dados da figura, ligamos os quatro ângulos por mais duas retas, as diagonais a e b. Estas se cruzam em um novo, quinto, ponto M. Que ponto é este? Ao seu redor se agrupam quatro triângulos retângulos equiláteros, aparentemente todos iguais. Percebemos que um quadrado se compõe de quatro triângulos iguais. Como os lados todos são iguais, o ponto M é equidistante de todos os ângulos do quadrado. Percebemos que M é o ponto central do quadrado. — Buscamos agora, em nosso tesouro da memória, a representação de um círculo e percebemos que, em nossa imaginação, podemos circunscrever com ele o quadrado exatamente, caso o raio do círculo corresponda ao comprimento dos lados do triângulo ou à metade da diagonal. O centro do círculo se identifica com o centro do quadrado. A cada quadrado, portanto, pode-se circunscrever um círculo correspondente. Mas, não vamos realizar agora operações geométricas mais complexas.

Vocês já percebem aí, que a imaginação atuou e que a memória participou — ambas entretanto sob rígida direção. E assim surgiu algo de totalmente novo a respeito da relação entre as figuras e linhas. O que fazemos, no fundo, ao lidarmos assim com as imagens? Pensamos, ganhamos pensamentos! E se vocês me perguntam: quem é que mantém o centro entre imaginação e memória, entre reprodução exata e transformação ágil, impedindo que perambulamos caoticamente pela vida? — Devo dizer-lhes, então, que é a força do pensamento, como todos podem experimentar em si mesmos. Esta força, diz Mefistófeles, é a luz celeste no

*N.E.: Bühler W. Os três membros do organismo humano. *Arte Méd Ampl.* 2011; 31(2): 4-11.

homem; ele a chama de razão. Até mesmo Mefistófeles sabe que nela reluz o cerne mais íntimo da essência humana, sua faísca imortal, divina. Sim! Luz celeste age em nós quando pensamos. Ela ilumina em nós a relação entre as coisas. O que era obscuro se torna claro e se revela sob novo aspecto. O pensamento confere a todas as imagens de nossa alma um novo brilho e uma estrutura interna, como vimos no caso do quadrado.

Pensando instruímo-nos sobre a verdadeira essência do universo e vemos suas leis. De fato, o pensamento dota nosso eu com um olho interior, espiritual. Com ele ganhamos visões internas, como ganhamos vistas e visões externas com o olho físico. Da clareza e da atividade do olho espiritual depende a extensão do nosso horizonte interno. E, como a visão externa se baseia na retina e na túnica vascular, o pensamento, qual visão interior, se baseia no corpo, no espelho cerebral e no processo sanguíneo do cérebro (Fig. 4). Nisso, ele se liga à força da memória e à atividade da imaginação e lança, sobre o abismo da oposição entre ambas, uma ponte alta que atinge o reino do espírito. E sobre esta ponte que vem ao nosso encontro a essência do nosso eu, como líder interior, único capaz de achar o dourado caminho do meio que, nestas palestras, procuramos no pensar, sentir e querer. Ora, um pensar límpido e vivo, entregue ao espírito, corajosamente e sem egoísmo, é ao mesmo tempo um fator que, até no plano corpóreo, traz saúde à vida de nossa alma.

Prezados ouvintes, chegamos assim ao final de nossas observações e gostaríamos de resumir a palestra de hoje em poucas palavras: ao percebermos impressões sensoriais, enraizamo-nos com a nossa alma no mundo material do corpo, no mundo sensorial das substâncias. Ao memorizar e imaginar, entretanto, a alma vive e viceja em seu próprio mundo interior, subjetivo, e nele tece o seu vai-e-vem. Quando assim fazendo confia na força do pensamento, ela se abre, autoconsciente, ao mundo do espírito e floresce à luz da verdade. É neste sentido, que vivemos todos, de múltiplas maneiras, à luz do mundo: com as portas dos sentidos nos abrimos à luz do mundo exterior; no interior nos abrimos à luz do espírito; e entre ambos, nossa luz da alma tece nas cores da memória e da imaginação, de modo que podemos dizer, com o vigia da torre, no Fausto de Goethe:

Somos todos
Nascidos para ver,
Pra olhar justados,
A torre consagrados,
O mundo é um prazer.

Contudo, este mundo é um mundo exterior e um mundo interior. Hoje, ao final destas reflexões, fizemos a difícil tentativa de enxergar mais a fundo este mundo interior e, assim, chegamos a nos conhecer como cidadãos de dois mundos.

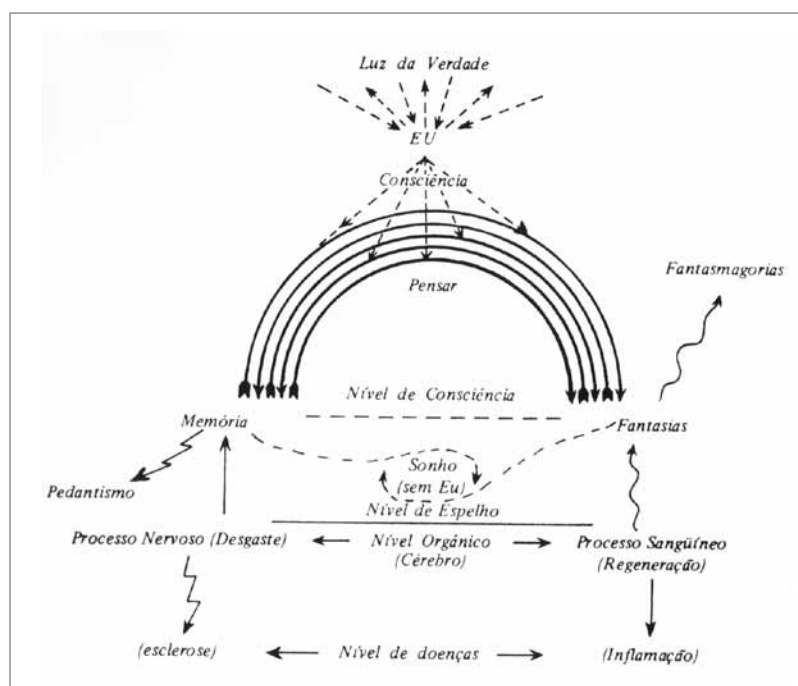


Figura 4. Esquema das funções cerebrais.